

A SEMANA – 182

John Gledson

Começamos com danças, moças e saracoteios. O cronista desaprova a “mistura de gêneros” exemplificada pelos discursos inaugurais do Cassino Brasileiro, e junto com eles o nacionalismo (a condição de ser brasileiro) que parece ter sido sua verdadeira motivação. O espiritismo e seus perigos (“é uma fábrica de idiotas e alienados, que não pode persistir”, como disse na crônica de 29 de agosto de 1889) são novamente objetos de um ataque irônico. Uma rápida transição – e uma mistura descarada de assunto (“Dançar é viver. A guerra, que também é vida...”) – leva-nos a uma questão de política internacional, que pode parecer estranhamente familiar no séc. XXI. A intolerância religiosa do império otomano foi objeto frequente de ataque na Europa “liberal”, e o problema dos cristãos armênios, que culminaria nos massacres de 1915, já testava a vontade europeia de intervir. O assunto interessa Machado menos, porém, que um problema do continente americano – a tendência dos Estados Unidos de interferir nos assuntos dos outros países do novo como do velho continente. A doutrina Monroe (de 1823) mudara de defensiva a ofensiva, e à afirmação da hegemonia dos EUA nas Américas. Assim, em vez do Cassino Brasileiro do começo, teremos o “Grande Cassino Americano”. Será isto a simples expansão da liberdade – a “velha liberdade inglesa” – como sempre a entendíamos? Aprenderemos “o que nos falta para conhecer toda a liberdade”? As coisas não são tão simples. Voltamos às moças do princípio, e a uma delas que não está a fim de saracotear – ao contrário, quer ser freira, coisa que no Império lhe fora proibida. A liberdade pode ser a escolha de não ser livre.



A SEMANA

24 de novembro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Inaugurou-se mais uma sociedade recreativa, o Cassino Brasileiro.¹ A sessão foi presidida pelo Sr. visconde de S. Luís do Maranhão, que proferiu discurso eloquente, segundo leio nas folhas públicas. Após ele, falaram outros sócios, e terminado o debate, o presidente levantou² a sessão, declarando inaugurado o Cassino Brasileiro.

Que faria o leitor, se fosse sócio, logo que se levantou a sessão? Pegaria do chapéu para sair. Faria mal. Acabada a sessão inaugural, começaram imediatamente as danças, que só acabaram na manhã seguinte. Isto prova ainda uma vez o que não precisa de prova, a saber, que nós amamos a dança sobre todas as coisas, e ao nosso par como a nós mesmos.³ Daí este caso novo de ser a própria sessão inaugural a noite do primeiro baile. Nos anais da Terpsícore⁴ carioca não há outro exemplo. Faz lembrar o velho uso das câmaras, em que o mesmo minuto que vê aprovar a eleição de um membro, vê aparecer o membro, jurar ou obrigar-se, e sentar-se. As senhoras fizeram aqui de membro eleito; vestidas e toucadas, esperavam apenas que o presidente levantasse a sessão. Tais haveria que achassem o discurso do Sr. visconde pouco eloquente; e os outros aborrecidíssimos. Em verdade, não se pode fazer crer a uma dama, que tem a sua tabela de quadrilhas, valsas e polcas, e já alguns pares inscritos, que as sessões inaugurais se façam com discursos. Um, dois, três gestos, vá; aclamações no fim, sim, senhor; mas discursos, explicações de estatutos...

¹ Sob o título de “Cassino Brasileiro”, a notícia da inauguração dessa “associação recreativa”, com “três magníficos salões” para danças, ocorrida na noite de 16 de novembro, vem na *Gazeta de Notícias* (p. 1, cols. 4-5) do dia 18 (segunda-feira), com os detalhes (dos discursos de abertura) dados por Machado; o presidente do “club” era o sr. Rocha Pinto. Segundo a notícia, após os discursos, “afinal o Sr. visconde de São Luís [que presidiu a sessão] declarou inaugurado o Cassino.”

² Essa palavra tem aqui o sentido (derivado) de “pôr fim”.

³ Agora é a dança. Em outra ocasião, Machado dissera a mesma coisa da música. Na crônica de 9 de setembro de 1894 (*A Semana* – 119), em que fala do suicídio do maestro e empresário Mancinelli, escrevera: “Verificou-se ainda uma vez a supremacia da música em nossa alma. [...] A verdade é que nós amamos a música sobre todas as coisas e as prima-donas como a nós mesmos.”

⁴ Terpsícore é a musa da dança.

Sim, esquecia-me dizer que houve explicação,⁵ de um dos artigos dos estatutos, feita pelo presidente, e não sei se também por outros oradores. Trata-se de uma condição para ser sócio. A explicação era desnecessária, pois cada reunião de homens tem o direito de estabelecer as cláusulas que quiser, sem que se possa atribuí-las (como disse o Sr. visconde) a sentimentos menos liberais. “A sociedade era recreativa, concluiu S. Ex., e portanto não podia admitir em seu seio ânimos eivados de tais sentimentos.”⁶ Perfeitamente pensado, mas inutilmente dito, pela razão que dei acima, e porque as moças esperavam.

Não é de ânimo liberal, – nem conservador, – deixar que os ombros das moças, os lindos braços, o princípio do seio, fiquem vadios nas cadeiras, enquanto os homens trocam arengas. Estou certo que um orador prefere a sua oração à mais bela espádua de moça; mas assim como nem Salomão em toda a sua glória se cobriu jamais como⁷ os lírios do campo (lede S. Mateus),⁸ assim também nem Demóstenes⁹ com toda a sua eloquência falou melhor que uma espádua de moça, – espádua desembainhada, notai bem, porque, como se lê no mesmo evangelista, não se deve esconder a luz debaixo de um alqueire...¹⁰ Mas aqui estou eu a profanar o sermão da montanha, por amor da estética. Deixemos este Cassino, e mais as suas espáduas nuas e discursos enfeitados.

Que se dance, é a nossa alma, a nossa paixão social e política. A própria moça que esta semana enlouqueceu, dizem que por efeito do espiritismo,¹¹ é um caso antes de coreografia que de patologia. A loucura é uma dança das ideias. Quando alguém sentir que as suas ideias saracoteiam, arrastam os pés, ou dão com eles nos narizes umas das outras, desconfie que é a polca ou o cançã da demência. Recolha-se a uma casa de saúde. Não se podem atribuir tais efeitos ao espiritismo. A prova de que não foi ele que fez enlouquecer a moça, é que, não há dois meses, morreu outra moça em plena sessão

⁵ Aurélio suprime essa vírgula, sem anotar.

⁶ A “condição para ser sócio” do Cassino era “ser brasileiro”. Essa informação consta da notícia da *Gazeta*, mencionada na nota 1. Machado, entretanto, parece citar textualmente o discurso do presidente do “club” (que não localizamos) ou da sessão, embora este tenha falado de improviso e parafraseado o outro. Dizia a notícia: “... isto não importava exclusivismo nem tendências partidárias, porque em uma associação recreativa a política era de todo incabível.”

⁷ Assim na *Gazeta*; Aurélio traz “com”.

⁸ Mt 6:28-29.

⁹ Demóstenes (384-322 a.C.): célebre orador e político ateniense.

¹⁰ Mt 5:15. A Bíblia de Jerusalém traz, em nota, a seguinte explicação (que se não encontra nos dicionários da língua portuguesa): “Na Antiguidade, o alqueire era um pequeno móvel de 3 ou 4 pés. Assim, aqui se trataria apenas de esconder a lâmpada debaixo desse móvel (mais ou menos como em Mc 4:21p se fala em ‘debaixo de uma cama’), e não de apagá-la, cobrindo-a com um alqueire moderno (i.é., com uma medida).”

¹¹ *O Apóstolo*, jornal católico, crítico do espiritismo, de 22 de novembro, p. 1, traz a notícia, de que transcrevemos um trecho: “Uma moça de 20 anos de idade, casada, moradora da Prainha n. 157, entrou a assistir sessões espíritas; no dia 18 deste mês, na reunião do grupo espírita que se denomina Maria de Nazareth, que funciona na rua do General Câmara n. 317, a moça, que se chama D. Maria Ferreira Chaves, se foi pouco a pouco impressionando com as manifestações diabólicas a tal ponto que perdeu completamente a razão.”

espírita.¹² Se a doidice brotasse da doutrina e da prática, essa outra não teria simplesmente morrido; teria dançado a valsa das ideias.

Dançar é viver. A guerra, que também é vida, é um grande bailado, em que os pares se perdem comumente na noite dos tempos, fartos de saracotear. Muçulmanos e cristãos dançam agora ao som da Bíblia e do Corão, com tal viveza, que não só as potências da Europa estão para tirar pares, mas os próprios Estados Unidos da América atam a gravata branca e calçam as luvas.¹³ É o que nos diz o cabo, e eu creio no cabo, não menos que na Agência Havas,¹⁴ que a toda notícia grave põe este natural acréscimo: “O sucesso está sendo muito comentado”.¹⁵ Não o pôs acerca da intervenção americana nos negócios turcos;¹⁶ é verdade que a notícia vinha de Washington, não da Europa, onde se comentará a nova afirmação desta grande potência, que de americana se faz universal.

Pelo que li ontem no *Jornal do Commercio*, o capitão Mahan publicou agora um artigo sobre a doutrina de Monroe e seus corolários.¹⁷ O principal fim é mostrar que a

¹² Sobre essa morte, ver crônica “A Semana – 178”, de 20 de outubro de 1895.

¹³ Alusão aos conflitos entre cristãos e muçulmanos no Império Otomano. Este assunto é central nesta crônica – constitui sua faceta internacional.

¹⁴ O meio de comunicação por cabo submarino foi instalado no Brasil por Irineu Evangelista de Sousa, o visconde de Mauá; a correspondência telegráfica entre o Brasil e a Europa teve início em 1874. Sobre a agência Havas, ver a crônica “A Semana – 175”, de 6 de outubro de 1895, assim como o texto de apresentação dela.

¹⁵ Veja-se este telegrama (da Agência Havas), que vem na *Gazeta*, de 14 de maio de 1895, p. 2, col. 2: “S. Petersburgo, 13 – O jornal *Novosti*, órgão oficial, publica um novo artigo no qual insiste para que as potências exijam da Inglaterra a solução da questão do Egito. Este artigo é muito comentado.” Ou este, de 8 de agosto de 1895, p. 1, col. 1: “Londres, 7 – O discurso pronunciado em Chester pelo Sr. Gladstone, sobre a questão da Armênia, é muito comentado aqui. Etc.” Há outros, como o de Berlim, 13, publicado em 14 de agosto de 1895, p. 1, col. 1, sobre as disputas coloniais na África entre Alemanha e Inglaterra.

¹⁶ Telegrama (da Agência Havas) publicado no *Jornal do Commercio* de 22 de novembro, p. 1: “WASHINGTON, 21 de novembro – À vista da gravidade que assume a situação na Turquia, o Governo dos Estados Unidos decidiu associar-se à manifestação naval das grandes potências da Europa, no intuito de fazer cessar os abusos que se estão dando naquele país. Consta que os navios que devem compor a esquadra já receberam ordem de se aprontar para seguir para as águas do Bósforo.” As notícias dos conflitos na região diziam respeito ao massacre de populações armênias. As potências europeias pressionavam a Turquia, em busca de uma solução. Em 17 de novembro, na *Gazeta de Notícias*, p. 1, um telegrama de Viena (da Agência Havas), datado do dia 16, dizia: “O governo austríaco ordenou a partida para o Bósforo de quatro dos melhores navios de sua esquadra, a fim de se reunirem aos vasos de guerra das outras potências europeias que resolveram intervir na solução da questão do Oriente.” No dia 18, no mesmo jornal, p. 1, havia este outro, de Nápoles: “Partiu ontem à tarde para o Oriente a esquadra italiana, depois de haver o comandante-chefe recebido instruções secretas do governo, devendo fazer função no Bósforo com os navios das outras potências que intervirão nos negócios da Turquia.” Evidentemente, não era só a questão dos massacres de armênios; as potências europeias tinham importantes interesses econômicos na região.

¹⁷ A notícia da publicação desse artigo no *Harper's Magazine* vem no *Jornal do Commercio* (p. 1, cols. 7-8) do dia 23 de novembro. A doutrina Monroe foi exposta pelo presidente americano James Monroe, em mensagem ao Congresso americano em 1823. Inicialmente foi uma doutrina de defesa da autonomia das nações americanas em relação à Europa; mais tarde tornou-se instrumento da expansão e da influência americana no continente. A perspicácia de Machado vê isso bem claramente: “Nesse tempo (meio século), em que teremos aprendido o que nos falta para conhecer toda a liberdade, etc.” é uma afirmação evidentemente irônica. O capitão Mahan (Alfred Thayer Mahan, 1840-1914), oficial naval americano, foi

grande República, para efetuar a sua suserania e proteção a todas as repúblicas da América Central e Meridional, precisa ter uma esquadra adequada aos seus novos destinos. A esquadra se fará, e se tu viveres ainda meio século, verás que tudo estará mudado. Haverá então um Cassino, maior que o Cassino Brasileiro, inaugurado nas Laranjeiras, um grande Cassino Americano, onde estaremos com as nossas fortes espáduas nuas, e a tabela das valsas e quadrilhas. Notai que as quadrilhas de salão já são americanas.

Nesse tempo, em que teremos aprendido o que nos falta para conhecer toda a liberdade, não se ouvirão gritos como os que ora soltam no sul, porque uma moça de Porto Alegre saiu da casa paterna para se meter a freira. As folhas dizem que é fanatismo religioso; pode ser, mas eu acrescento que é um ato de liberdade. Gasparina tem vinte e quatro anos, e desde os quinze pensava já em ir para o convento.¹⁸ Talvez fosse a leitura do *Hamlet* que lhe deu tal resolução: “Faze-te monja; para que queres ser mãe de pecadores?”¹⁹ Gasparina não fez como Ofélia, obedeceu. Se ainda vivesse o aviso ministerial de 1855,²⁰ era impossível a Gasparina tomar sequer o véu do noviciado; mas o aviso perdeu-se. Agora há plena liberdade, e liberdade não é só o que nos dá gosto. O pai de Gasparina correu ao convento, viu de longe a filha, pediu-lhe que tornasse a²¹ casa, onde a mãe enferma poderia morrer com a notícia do seu ato; ela respondeu-lhe naturalmente com o reino do céu. As freiras admitiram que a noviça

uma figura de grande importância neste período, na corrida armamentista que acabou na Grande Guerra. Seu livro de 1890, *The Influence of Sea Power Upon History 1660-1783*, argumentava que o poder das grandes nações dependia sobretudo da sua frota naval, e teve um imenso efeito sobre vários políticos, inclusive o Kaiser Wilhelm II, que ordenou que cada navio tivesse um exemplar a bordo.

¹⁸ Esta notícia, com os detalhes que aparecem na crônica (exceto pela referência à “mãe enferma” – o que sugere que Machado leu a notícia também em outro jornal), vem na *Gazeta* de 22 de novembro, p. 1, col. 8, transcrita de “jornais de Porto Alegre”. Observe-se que Machado usa a ironia para com a “liberdade” para saltar ao assunto seguinte.

¹⁹ *Hamlet*, de Shakespeare, act III, scene 1. Diz Hamlet a Ofélia: “Get thee to a nunnery. Why wouldst thou be a breeder of sinners?” (SHAKESPEARE, William. *Hamlet, Prince of Denmark*. London: Penguin Books, 1975. p. 83) Pérciles Eugênio da Silva Ramos, em nota a sua tradução de *Hamlet*, registra: “*Convento, nunnery*. Adams e Wilson veem no termo implicação de *conventilho*.” (SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1965. p. 189, nota 328)

²⁰ Sem dúvida, Machado se refere a este Aviso do Ministério da Justiça: “Circular. – 1ª Seção – Ministério dos Negócios da Justiça, Rio de Janeiro em 19 de maio de 1855. S. M. o Imperador há por bem cassar as licenças concedidas para a entrada dos Noviços nessa Ordem Religiosa até que seja resolvida a Concordata que à Santa Sé vai o Governo Imperial propor. Deus Guarde V. P. Revma. – José Tomás Nabuco de Araújo. – Sr. Provincial dos Religiosos Franciscanos da Corte. (Na mesma conformidade aos de mais Ordens Religiosas do Império.)” Na conta desse ato ao Parlamento, consta que a admissão de noviços aos conventos era “uma especulação e não vocação e habilitação para a vida monástica.” Joaquim Nabuco (o filho), escreveu: “...a reforma projetada não era a invenção de um reformador leigo, inspirava-se nos precedentes da Igreja”. (*Um estadista do Império*, H. Garnier, 1900, v. I, p. 307) Machado já escrevera sobre um desses “precedentes”, a “especulação” da admissão de noviças à vida religiosa no período colonial – na época, era esse o único meio de elas conseguirem se passar da colônia a Lisboa. (ver a crônica de 12 de maio deste ano; A Semana – 154)

²¹ Na *Gazeta* vem “à”. Aurélio normaliza e comenta em rodapé: “Na *Gazeta de Notícias* o *a* vem acentuado, em desacordo com a boa norma, comumente seguida pelo autor.”

deixasse o convento, se o bispo tal mandasse. O bispo fez o que eu faria, se fosse bispo, e até sem o ser²²: negou o consentimento.

Liberdade é liberdade. Vede a velha liberdade inglesa.²³ Agora mesmo, na Índia, um inglês cristão fez-se muçulmano. Cumpridas as cerimônias, recebeu o nome de Abdul-Hamid.²⁴ Consentiram-lhe que continuasse vestido como dantes, mas aconselharam-lhe que, para distintivo externo, fizesse uso do *fez*.²⁵ Parece que adotou o fez. Cristão antes, muçulmano agora, ficou sempre inglês, que é o que se não renega ou abjura: – escolhe o verbo, segundo fores amigo ou adversário da Grã-Bretanha; eu por mim agradeço à mão²⁶ de Shakespeare este termo de comparação com a nossa Ofélia de Porto Alegre. Adeus.



²² Assim na *Gazeta*; Aurélio traz “sem ser”.

²³ A referência à “liberdade inglesa” tem traço de ironia: tratava-se, por metonímia, da noção de liberdade das nações colonialistas. Veja-se, por exemplo, o que diz aos chefes indígenas o general Andrade (antes de vencê-los pelas armas), no poema *O Uruguai*, de Basílio da Gama: “O rei [de Portugal] é vosso pai: quer-vos felices. / Sois livres, como eu sou; e sereis livres, / Não sendo aqui, em outra qualquer parte. / Mas deveis entregar-nos estas terras. / Ao bem público cede o bem privado. / O sossego de Europa assim o pede. / Assim o manda o rei.” (*O Uruguai*, canto 2º, v. 133-139)

²⁴ Abdul-Hamid era o nome do sultão que comandou o Império Otomano entre 1876 e 1909, quando foi deposto pela Revolução dos Jovens Turcos. Encontram-se alguns casos de britânicos convertidos ao islamismo neste período, inclusive alguns aristocratas. Não encontramos referência a este caso.

²⁵ Assim, em itálico na *Gazeta*; Aurélio põe em redondo. Barrete utilizado por turcos e povos do Oriente Médio e da África, que se tornou conhecido pelo nome da cidade marroquina de Fez, onde era fabricado.

²⁶ Na *Gazeta* vem “mãe”. Aurélio corrige.